

UM ESTUDO DA OBRA POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES DEDICADA À INFÂNCIA

Sheila da Guia Schneider Kikuti*

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem triste:
sou poeta.
(*Motivo* – Cecília Meireles)

Resumo

Este artigo traça considerações sobre parte da obra poética de Cecília Meireles, a qual é dirigida às crianças. Com o estudo específico de seu livro, *Ou isto ou aquilo* (1993), pretende-se observar as características de um livro de poemas infantis. Ao analisar esse livro quanto ao seu nível estético-literário, tem-se por objetivo destacar sua relevância na literatura infantil e as contribuições da poetisa para esse gênero literário. Ao final será considerado o estudo da literatura infantil na escola, evidenciando o caráter pedagógico da poesia infantil.

Palavras-chave

Ensino; Literatura Infantil; Poesia Infantil.

Abstract

This article conceives part of the poetical work of Cecília Meireles dedicated to children. By the specific study of her book, *Ou isto ou aquilo* (1993), this article aims to observe the characteristics of a childhood book. Analyzing this book aesthetically and literarily, we will focus on its relevance from the childhood literature and the contributions of Cecília Meireles to this literature. At the end we will consider the study of childhood literature at the school, evidencing the pedagogic character of childhood lyric.

Keywords

Childhood Literature; Childhood Poetry; Teaching.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Cascavel - 85819-110 - Cascavel – PR. Professora da rede estadual de ensino do Paraná. E-mail: sheilakikuti@yahoo.com.br

Introdução

Cecília Meireles é considerada uma grande poetisa, fama que todos conhecem, mas dentre as atividades a que ela se dedicou muitos desconhecem o seu interesse pela Educação. Sua vocação para o magistério a levou a estudar na Escola Normal (Instituto de Educação) do Rio de Janeiro, onde se formou e exerceu o magistério primário durante muitos anos. Ensinou Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal. Lecionou, também, Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas nos Estados Unidos. Além de poetisa e professora, também foi jornalista, tendo sido responsável por uma seção sobre problemas do ensino no *Diário de Notícias* e uma seção de estudos de folclore voltada para o público infantil no jornal *A Manhã*. Considerada uma autoridade no assunto, colaborou com a Comissão Nacional de Folclore desde a sua instalação.

Entre suas contribuições à Literatura Infantil é importante mencionar a criação, pela poetisa, da primeira biblioteca infantil no Brasil. Ela também proferiu inúmeras conferências, não só no Brasil como no exterior. Dessas conferências cabe citar o livro *Problemas da literatura infantil* que resultou de três conferências proferidas em Belo Horizonte, no Curso de Férias promovido pela Secretaria da Educação, em janeiro de 1949, sobre Literatura Infantil. Paralelamente às suas atividades voltadas para a Educação, Cecília Meireles se dedicou intensamente à poesia e construiu uma das mais importantes obras poéticas de nossa literatura. Dessa obra nos ocuparemos com a análise de seu livro de poesias dedicado à infância: *Ou isto ou aquilo*.

Com este estudo, pretendemos destacar as características e os critérios utilizados pela poetisa na produção desse livro. Desta forma, pode-se considerar a relevância e as contribuições de Cecília Meireles para a Literatura Infantil, especialmente no que se refere aos livros de poesias infantis, gênero que, infelizmente, não vêm recebendo o destaque que merece no ambiente pedagógico. Deste modo, a proposta é, também, conduzir uma reflexão sobre o ensino de poesia na escola.

Como hipótese, coloca-se o livro *Ou isto ou aquilo* como modelo de um bom livro destinado e recomendado à criança, isso porque além do prestígio da poetisa, reconhecido também pela crítica especializada, se considera o respeito que Cecília Meireles demonstrava, nos textos, pela criança:

Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças freqüentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida, que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreenderemos a importância de aproveitar essa oportunidade. (MEIRELES, 1984, p. 123)

Poesia Infantil, livro de Bordini (1991), será o referencial teórico para a análise que se pretende realizar, não deixando de considerar, também, as contribuições de outros teóricos como Aristóteles e Adorno.

Poesia infantil

Ao se delimitar uma literatura infantil, isto é, “uma especialização literária visando particularmente os pequenos leitores” (MEIRELES, 1984, p. 20), pensando na relação público leitor – texto/autor, surge a questão: o que seria preciso para se escrever para crianças? Amaral (1971) responde que é preciso conhecer e amar a criança para, deste modo, lhe dar o melhor; deve-se, também, sentir a poesia, o modo mágico de ver as coisas. Portanto, os melhores escritores para a criança seriam os poetas.

Cecília Meireles, sendo uma poetisa, era uma autora potencial para escrever para crianças, mas, mesmo assim, foi a última obra que se dedicou a escrever: *Ou isto ou aquilo*. Esse foi o único livro de poemas infantis que escreveu, publicado no ano de sua morte, 1964, talvez porque, como educadora e estudiosa da Literatura Infantil, considerava tal tarefa das mais difíceis, mesmo para alguém como ela. Deve-se considerar também suas palavras:

Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori* (MEIRELES, 1984, p. 20).

Para Cecília Meireles, Literatura Infantil é aquela que as crianças lêem com agrado. Não se sabe se por questão de estilo ou por considerar que há muitos casos de leituras para adultos que vieram a ser lidas e apreciadas pelas crianças – como a história de Robson Crusóé – a escritora adota este posicionamento. Porém ela deixa claro que não é desnecessário ou inconveniente escrever especificamente para a infância, e que existem muitos livros escritos com esse intuito que foram bem sucedidos.

Conforme Góes (1984), todos os autores que consultou, em sua pesquisa, concordaram com a noção de que quando se escreve para uma criança, seu processo de desenvolvimento deve ser considerado; assim, um livro infantil deve corresponder às etapas biológicas de crescimento e desenvolvimento que todo ser humano cumpre e que são as mesmas para todos.

Filho (Apud GÓES, 1984) declara que se deve reconhecer que um gênero específico de literatura infantil existe e que os autores que querem se dedicar a este gênero devem apresentar uma preocupação do ponto de vista literário e, também, um maior conhecimento da vida infantil.

Confirma-se a posição de que não é trabalho fácil escrever para crianças quando Góes (1984) nos revela que “a linguagem fácil pode levar aos erros capitais da literatura infantil: didatismo, moralismo e puerilidade.” Desta forma, “poucos poetas como Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, falaram especificamente para crianças” (GÓES, 1984, p. 182).

Em *Problemas da Literatura Infantil*, Cecília Meireles nos mostra que a Literatura Tradicional foi nitidamente utilitária, no sentido de que era como se procurava transmitir a experiência já vivida, noções do mundo aprendidas de forma empírica, mas fazia isto utilizando-se da palavra de forma mágica, do seu poder sugestivo e comunicativo para que a vida do homem fosse mais próspera ou mais feliz.

Se considerarmos que essa literatura, continuando a evoluir, conservou, no entanto, suas reminiscências, especialmente nas mãos das crianças – quando os adultos passaram a contemplá-las como ridículas superstições, práticas ineficazes, hábitos desnecessários, à medida que a ciência, trazendo-lhes novas luzes, lhes indicava outro comportamento, veremos que há um vasto conteúdo de experiência humana nessas tradições infantis dispersas pelo mundo. E dela se nutria a criança, antes do livro, recebendo-a como um alimento natural nos primeiros anos da vida. Não se pode evocar uma infância de outrora, sem a sentir nessa atmosfera de ensinamentos tradicionais. (MEIRELES, 1984, p. 54)

E assim, mais adiante completa:

É que não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antigüidade, como as de hoje. Mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias... tudo isso ocupa, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. Quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que a de hoje, sem os contadores de histórias e os espetáculos de então... (MEIRELES, 1984, p. 55)

Entretanto, como observa Perrotti (1986), esse caráter utilitário que o leitor dá à obra não foi construído segundo parâmetros pragmáticos, como obras didáticas em geral. Cecília Meireles afirma que a obra literária pode ser útil no seu aproveitamento, não no seu aparecimento, assim nos oferece uma direção que a literatura deve tomar:

O certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, seja na Literatura Geral são os que possuem essência de verdade capaz de satisfazer à inquietação humana, por mais que os séculos passem. São os que possuem qualidade de estilo irresistíveis cativando o leitor da primeira à última página, ainda quando nada lhe transmitam de urgente ou essencial. (MEIRELES, 1984, p. 117)

Segundo Perrotti (1986), ao se ultrapassar o caráter utilitário da obra literária coloca-se que ela não deixa de educar ou transmitir valores, mas isso de forma específica determinada pela sua própria natureza. Aristóteles (1973) já observava em sua obra que é da natureza do homem o imitar, que de todos os seres vivos, o homem é o ser mais imitador e, assim, por imitação aprende suas primeiras noções. No entanto, mesmo sendo imitações o conteúdo de uma obra literária, essa segue princípios que a distinguem como produção estética.

Adorno (1975) também observa em sua conferência sobre lírica e sociedade que "o conteúdo de uma poesia não é somente expressão de motivações e experiências individuais" (ADORNO, 1975, p. 201). Conforme o autor, essas motivações e experiências quer tenham fundo moral ou não "se tornam artísticas apenas quando, precisamente em virtude da especificidade de sua forma estética, adquirem participação no universal" (ADORNO, 1975, p. 201).

Cecília Meireles (1984) ainda escreve que "não basta juntar palavras para se realizar uma obra literária" (MEIRELES, 1984, p. 21). Nesse sentido afirma que existem muitos livros escritos para crianças, mas classificá-los como Literatura Infantil é uma tarefa árdua, pois muitos não possuem atributos literários.

Quais seriam, então, os atributos literários? Bordini (1991), em seu livro *Poesia Infantil* enumera alguns critérios para o poema que se dedica à criança. É com esses critérios que se pretende, então, demonstrar quais os elementos necessários a uma obra literária direcionada à criança, neste estudo de poemas infantis de Cecília Meireles presentes em *Ou isto ou aquilo*.

Antes de passarmos à análise, entretanto, vale conferir a crítica de Azevedo Filho (1970) ao livro *Ou isto ou aquilo*. Ele observa a primeira especificidade do livro infantil: a característica de estar baseado na psicologia infantil. Conforme o crítico, com essa característica a poetisa soube tirar efeitos estéticos de alto poder sugestivo. Os temas poetizados sempre consideram a idade pré-lógica, o mundo de fabulação, o realismo intelectual, a visão impressionista da criança e, por isso, a poetisa conseguiu uma excelente realização estética nos poemas dessa obra. Cecília Meireles considera ainda dados fornecidos pela psicologia genética ou evolutiva, os quais garantem a

recriação subjetiva das impressões recebidas do mundo exterior. A poetiza descreve o mundo da criança, o qual “não se afasta, em certo sentido, do próprio mundo dos poetas” (FILHO, 1970, p. 171). Observa Azevedo Filho: “É a fase das perguntas embaraçosas, do monólogo a dois, da fabulação, das comparações imprevisíveis, [...] das metáforas surpreendentes e do sonho, transfigurado na visão subjetiva da realidade” (FILHO, 1970, p. 172).

Azevedo Filho assevera, também, que os poemas de *Ou isto ou aquilo* servem para a criança, mas trazem também uma mensagem para o adulto, pois são escritos numa linguagem plurilinear e comportam várias interpretações. Conforme Roman Jakobson (apud BORDINI, 1991), a equivalência dos vários níveis do discurso articulados¹ é uma das características da poeticidade. Vejam-se os exemplos de Cecília Meireles:

Sonhos de menina

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

Sonho
risonho:

O vento sozinho
no seu carrinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

A vizinha
apanha
a sombrinha
de teia de aranha...

Na lua há um ninho
de passarinho.

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?
(p. 811,812)

O sonho e a fronha

Sonho risonho
na fronha de linho.
Na fronha de linho,
a flor sem espinho

Apanho a lenha
para o vizinho.

E encontro o ninho
de passarinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

Não há quem venha
pela montanha
com minha sombrinha
de teia de aranha?

Sonho o meu sonho.
A flor sem espinho
também sonha
na fronha.

Na fronha de linho.(p. 825)²

Os poemas acima, embora pertençam ao livro *Ou isto ou aquilo*, são de edições diferentes. Apenas “Sonho de menina” pertence à primeira edição, publicada pela Giroflê em 1964, tendo sido escolhido pela poetisa para a publicação original. O outro poema, “O sonho e a fronha”, foi incluído nas edições da obra junto com vários outros poemas inéditos, após a morte da autora. Isto nos leva a concluir que a própria autora não quis aproveitá-lo (cf. CUNHA, 1986) e, assim, pode-se afirmar que “O Sonho e a fronha” trata-se de uma provável versão anterior de “Sonho de menina”.

Com a análise de Cunha (1986), pretende-se salientar a preocupação estética com que Cecília Meireles escreveu esses poemas que foram, portanto, resultado de um árduo trabalho artístico. Observa-se nesse trabalho de produção de poesia infantil a equivalência dos vários níveis do discurso articulado.

¹ Característica segundo a qual o arranjo de elementos sonoros encontra ressonância no das figuras de linguagem e construções gramaticais, na disposição do verso ou da estrofe. (cf. BORDINI, 1991).

² Todos os poemas aqui usados nas citações referem-se a MEIRELES, C. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1993. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série brasileira).

Cunha pretendeu, com sua análise, comprovar a sua hipótese de que o segundo poema era uma versão anterior do primeiro, o qual a poetisa selecionou para publicação. Conforme sua análise, percebe-se uma nova escolha na distribuição dos versos e estrofes dos poemas, pois mesmo que ambos contenham 7 estrofes, elas são construídas de modo muito diferente: no primeiro poema, nenhum verso se repete, enquanto que no segundo, há repetição dos versos "na fronha de linho" e "A flor sem espinho". A estrofe

Sonho
Risonho:
(p. 811)

é um verso no segundo poema³, e apenas uma estrofe é absolutamente igual nas duas versões.

De que tamanho
Seria o rebanho?
(p. 811)

Metricamente, os versos do primeiro poema são desiguais e têm ritmo variado, no segundo poema há uma regularidade e um ritmo bem uniforme. As rimas também seguem esquemas bem diferentes nos dois poemas. Conclui-se, desses dados, que o primeiro poema é mais contido, mais sintético e mais dinâmico do que o segundo por causa de sua irregularidade rítmica e pelo seu próprio aspecto gráfico.

Outra tese teórica apontada por Bordini (1991), valorizada por pensadores e poetas ocidentais desde Aristóteles e também preocupação de Cecília Meireles, como se observa na análise da construção dos poemas acima, é o princípio de organicidade. Nesse princípio se observa a importância da "distribuição espacial necessária das palavras no verso, ordenada pelo ritmo e pelos sentidos que o tema impõe, bem como sua escolha pela lei da economia artística, que elege o vocábulo melhor equipado para produzir a carga semântica procurada" (BORDINI, 1991, p.16).

Desta forma, Cunha considera o primeiro poema mais feliz em termos de realização, pois registra a irregularidade, a rapidez, o dinamismo dos sonhos da criança. A autora segue sua análise abordando vários elementos que, certamente, foram pensados por Cecília Meireles na construção dos poemas acima citados.

Para a análise que se propõe neste trabalho é importante esta observação: "Profunda conhecedora da alma e do gosto infantil, procurou tirar do poema inicial exatamente o que ele tinha de evidente, de 'compreensível' – para aumentar-lhe a fantasia, a imprecisão" (CUNHA, 1986, p. 106). Essa observação contempla outra característica poética: "a incompletude necessária do universo imaginário projetado pelo tecido verbal" (BORDINI, 1991, p. 35), característica que motiva um movimento de introspecção. Recebe-se o objeto plenamente determinado pelas suas características sensoriais para compreender a realidade representada, mas, na ficção, nunca se recupera na integridade do real a determinação dos seres e do espaço-tempo.

O poeta é conduzido pelos limites gráficos e pelo próprio reducionismo da linguagem, a recortar os elementos do mundo a ser criado e a dispô-los no arranjo mais econômico para o efeito intencionado. Surgem, por isso, pontos vazios, lacunas em que a voz ficcional silencia. Tais vazios serão preenchidos automaticamente pelo leitor, uma vez que sua

³ Cunha observa que não é apenas na forma que essa estrofe difere do segundo poema, no qual constitui apenas um verso. O nível semântico do discurso também difere, pois, no nível gramatical, em dois versos separa-se o adjetivo do substantivo. Ao dar destaque ao adjetivo, modifica-se a mensagem: são, agora, duas mensagens. Já no mesmo verso, é o conjunto que impressiona.

percepção o habituou aos quadros completos. O preenchimento dessas lacunas se faz mobilizando os conteúdos anímicos, dados da memória e operações intelectuais, afetivas e volitivas, sem muita consciência do sujeito em relação a tal processo.

Esse caráter inacabado do mundo ficcional, portanto, mesmo que a criança não o perceba, a incita a constituir o seu imaginário e a acioná-lo e transformá-lo, colaborando para que ela se reconheça como um ser que pensa, que sofre ou se alegra, que deseja e que possui um acervo de lembranças com as quais pode enfrentar situações problemáticas novas. (BORDINI, 1991, p. 35 – 36)

Outro traço importante na poesia para crianças, segundo Bordini, é o plano da sonoridade, especialmente se o poema é destinado ao bebê e aos pequeninos. Unindo a voz à carícia, para a expressão do afeto dos pais, tradicionalmente o povo tem cultivado versos com tecido melódico, formado por aliterações e assonâncias, anáforas e rimas, estribilhos, acentos e metros variados para aquietar a criança com ritmos hipnóticos.

Bordini fala das cantigas de ninar, das cantigas de roda, parlendas e adivinhas, originárias do folclore. Nos poemas do livro *Ou isto ou aquilo*, Cecília Meireles, grande estudiosa do folclore, faz uso dos mesmos recursos utilizados no folclore: aliterações, rimas, metros variados com ritmos hipnóticos. Veja-se o exemplo:

A Bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.
(p. 809)

Pode-se dizer que a poesia "A Bailarina" assemelha-se a uma parlenda, poema que os folcloristas caracterizam pelo paralelismo construtivo, a presença de forte rima, o giro semântico "ilógico" e a incidência de preconceitos e temas da vida vulgar. Cecília Meireles, tendo uma concepção clara da importância do discurso estético em detrimento do discurso moralizante e utilitário fez uso dos melhores traços da parlenda, excluindo, é claro, a incidência de preconceitos em seu poema. "O prazer da estranheza, apoiado na conexão surpreendente, a ampliação das repetições estruturais, associa-se, junto ao consumidor infantil, ao prazer do jogo, também interativo, gratuito, simulador, buscando rearranjar o real dentro de um esquema..."

(BORDINI,1991, p. 13) A autora lembra que mesmo que o ludismo apareça na genuína poesia infantil, característica que não é exclusiva da criança, ele não a distingue da poesia não-adjetivada, a não ser pelos termos temáticos, mas isso em termos.

Bordini afirma que em pseudopoemas, o manto do pedagogismo faz desaparecer a corporeidade das palavras para se referir a valores morais. Nesse tipo de poema, o efeito saneador sobre impulsos inconscientes é reprimido na maioria das vezes, isso porque o livre fluir de desejos para o ensaio lúdico de alternativas para as vivências emocionais ou cognitivas, agradáveis ou não, é impedido pela voz do emissor adulto que reforça as barreiras educativas. Pode-se caracterizar os poemas de *Ou isto ou aquilo* num estilo bem diferente. Veja-se um exemplo em que uma vivência emocional agradável é apresentada de forma lúdica:

As Meninas

Arabela
abria a janela.

Carolina
erguia a cortina.
E Maria
olhava e sorria:
"Bom dia!"

Arabela
foi sempre a mais bela.

Carolina,
a mais sábia menina.

E Maria
apenas sorria:
"Bom dia!"

Pensaremos em cada menina
que vivia naquela janela;
uma que se chamava Arabela,
outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade
é Maria, Maria, Maria,
que dizia com voz de amizade:
"Bom dia!"
(p. 813 - 814)

Abramovich (1983) faz uma leitura crítica desse poema em seu artigo *O mundo que as crianças lêem nos livros* e fala que, nele, as relações pessoais se configuram num quadro amplo, em que a imagem cálida e terna, o tratamento carinhoso aparecem sem estarem apoiados em estereótipos de comportamentos ou expectativas de sucesso, tais como a beleza e a sabedoria.

Continuando com a análise das características poéticas do poema infantil, é importante se observar que

Não só de efeitos auditivos se faz o poema. À medida que a criança cresce e empreende sua aventura pelo mundo, ela se torna independente dos pais, mas precisa de pontos de apoio a fim de se sentir segura de suas forças para esse às vezes doloroso descolar-se do ninho protetor familiar. O alicerce mais estável nessa empresa é sua percepção, que lhe dá a realidade e a orientação espacial (BORDINI, 1991, p. 26).

Segundo Góes, para todos, mas especialmente para as crianças e jovens a poesia é um meio de compensação e equilíbrio. Muitos a descobrem na puberdade quando sua afetividade está exacerbada. Para essa autora, a poesia pode lhes dar a oportunidade de equilibrar suas emoções com as ressonâncias poéticas, por isso seria muito importante fazer com que os jovens convivessem com a poesia.

Das formas literárias, (cf. Bordini, 1991) a poesia, por se condensar em múltiplos sentidos num espaço gráfico mínimo, é a forma que mais exige de seu leitor a ativação de seu conteúdo intelectual e afetivo preexistente e um ajustamento de seus desejos, emoções e avaliações ao progredir na leitura de um poema. Na poesia infantil ocorre o mesmo processo, quando esta é esteticamente válida.

Como exemplo de poema que exige esse processo de interiorização da criança citamos:

Ou Isto ou Aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.
(p. 815 – 816)

Ainda é mencionada, por Bordini, a característica referente à imagética, uso das aparências sensoriais no poema através de associações de semelhanças (as metáforas) ou de contigüidade (as metonímias), obrigando-se a decifrações mentais. Um poema em que esse processo pode ser encontrado é "O Sonho de Olga". Cita-se a primeira estrofe desse poema que foi analisado pela própria Bordini (1991):

A espuma escreve
Com letras de alga
O sonho de Olga
(p. 835)

Conforme a autora, tem-se aí uma "metonímia do mar (espuma) e a metáfora do sonho-oceano, escrito pelas algas" (BORDINI, 1991, p. 29).

A admiração também é um processo pelo qual se caracteriza a poesia infantil, segundo Bordini. É o ato amoroso de admirar o mundo, com a consciência da separação e do respeito pela heterogeneidade do outro. Como observa a autora, "o ato admirativo supõe distanciamento do objeto e afirmação deste como diverso do sujeito, num intervalo de proximidade mínima, de modo que não sofra com essa distância." (BORDINI, 1991, p. 34).

Segundo a autora, é na infância que esse processo se manifesta pela primeira vez; isso, quando se considera os estágios de desenvolvimento humano. Nesse momento, a consciência descobre as coisas e sua alteridade radical.

A experiência do poético pode transformar esse habituar-se da consciência precoce, propondo-lhe e requerendo-lhe que se abra para o diverso, que jogue com sons, conceitos e vivências fantásticas, que investigue a natureza das coisas nessa brincadeira, que busque os lados não-vistos, que pressinta, que não se contente com as versões recebidas, que mantenha viva a capacidade de maravilhar-se (BORDINI, 1991, p. 40).

A apresentado por Bordini, o poema "Bolhas" é um exemplo de que "a poesia genuína, presentificando o Ser na palavra, pode suscitar a atitude admirativa espontânea que está na raiz do pensar filosófico" (BORDINI, 1991, p. 41). Vejamos uma estrofe do poema:

Bolhas

Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!
(p. 806)

Outro poema pode ser aqui citado por representar a lógica interna da poesia, tal como abordada por Bordini. Trata-se do poema "O menino azul", do qual transcrevemos a primeira estrofe:

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.
(p. 812)

Conforme Bordini, o que vale aí são os elementos que o poema apresenta como válidos, e não as leis do real extraliterário. Esse princípio é importante porque na aparente falta de lógica e comicidade

o poema infantil permite o desafogo das tensões inconscientes de que fala Freud a propósito do riso [...] traz ao leitor mirim a segurança interior de que seu próprio modo de lidar com o mundo, através do que se chama pensamento mágico e egocêntrico, é possível, mas deve ser vencido pela inserção gradativa do modo adulto do pensamento lógico e reflexivo (BORDINI, 1991, p. 20).

Ao se destacar as características de alguns poemas do livro de poemas infantis *Ou isto ou aquilo*, fica claro que escrever para crianças nada tem em haver com simplificações ou com algo que possa ser considerado como uma literatura que não mereça prestígio e grande dedicação. Precisa-se, sim, de grandes poetas que, com a sensibilidade que lhes é característica, escrevam para crianças, pois, por meio de sua sensibilidade e de seu trabalho, conseguem captar a alma infantil.

Dentre os autores que seguem essa perspectiva apontada por Cecília Meireles em suas obras *Ou isto ou aquilo* e *Problemas da literatura infantil*, dedicando-se à Literatura Infantil, Perrotti (1986) menciona Lygia Bojunga Nunes, com méritos que extrapolam nosso país, levando-a à obtenção do prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, como, também, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Elvira Vigna, Marina Colasanti, João Carlos Marinho Silva e Haroldo Bruno.

Considerações finais

Pode-se não acreditar, mas as crianças gostam de poesias. Caso elas não se mostrem interessadas em poesia na escola, talvez isso se deva ao fato de não lhes serem, às vezes, apresentadas obras poéticas de real valor literário como esta de Cecília Meireles. É tarefa dos professores propiciarem, em suas aulas, oportunidades de convívio entre seus alunos e boas obras literárias, principalmente, no caso da infância, com a poesia.

Por isso é preciso que os professores façam um bom planejamento de suas aulas, no qual se fará uma seleção do material que se pretende usar, procurando por obras significativas entre nossos grandes poetas, pois, segundo Cunha, são deles as obras que encontram maior ressonância no espírito infantil. Nesse planejamento deve-se pensar em formas de organizar um ambiente propício ao estudo literário, como, por exemplo, a organização de uma biblioteca da turma, e também planejar atividades específicas que ajudem as crianças a desenvolverem a habilidade de apreciação literária, tais como: clubes de leitura, concursos, murais informativos da sala e do colégio com poesias, sugestões de leituras etc.

O que não pode acontecer é oferta exclusiva do estudo de textos informativos em prosa, deixando-se de lado o texto poético, literário, pois este, dado o seu caráter estético e a sua linguagem específica, não se limita ao discurso pedagógico característico dos livros didáticos. O discurso estético não-utilitário apresenta-se como um grande instrumento de educação ao cumprir a sua função de apresentar ao leitor novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais, constituindo-se, em meio de uma libertação que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer.

KIKUTI, S. da G. S. A Study of the Poetical Works of Cecília Meireles Dedicated to Childhood. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 17-28, 2009.

Referências

- ABROMOVICH, F. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. 5 ed. São Paulo: Summus, 1983.
- ADORNO, T. W. Conferência sobre lírica e sociedade. In: *Obras escolhidas – Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1975.
- AMARAL, M. L. *Criança é criança: literatura infantil e seus problemas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- ARISTÓTELES. Poética. In: *Obras escolhidas – Os pensadores*. Trad. Eudoro de Souza São Paulo: Abril, 1973.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Poesia e estilo de Cecília Meireles (a pastora de nunvens)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- BORDINI, M. G. *Poesia infantil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CASASANTA, T. *Criança e Literatura*. Belo Horizonte: Vega, 1974.
- CUNHA, M. A. A. *Literatura infantil: Teoria e Prática*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- GÓES, L. P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Poesia completa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

PERROTTI, E. *O texto sedutor da literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1989.